

NOS FATOS DA HISTÓRIA: O EVENTO SALVÍFICO – XV SÉCULOS DE IGREJA

Prof. Dr. José Ulisses Leva*

RESUMO

O Artigo Nos Fatos da História o Evento Salvífico – XV Séculos de Igreja quer ser uma proposta para o estudo da História da Igreja e um itinerário de leitura para compreendê-la em quinze séculos de sua História. Desde o anúncio do Reino de Deus proclamado por Jesus Cristo (Mc 1,14-15) e a sua iniciativa de instituir a Igreja (Mt 16,18) sob os doze Apóstolos tendo Pedro a sua frente (Jo 21,15) sucederam vários acontecimentos na Igreja que é Una, Santa, Católica e Apostólica. Um olhar atento e criterioso de ler a História desde os primeiros cristãos (At 11,26) até a queda de Roma no Ocidente em 476 e a queda de Constantinopla em 1453.

Palavras-chave: Reino de Deus. Evento Salvífico. Igreja Antiga. Igreja Medieval.

ABSTRATC

The Article In the Facts of History the Salvífico Event - XV Centuries of Church it wants to be a proposal for the study of the History of the Church and an itinerary of reading to understand it in fifteen centuries of its History. Since the announcement of the Kingdom of God proclaimed for Jesus Christ (Mc 1,14-15) and its initiative to institute the Church (Mt 16,18) under the twelve Apóstolos being had Peter its front (Jo 21, 15) had succeeded some events in the Church that is Joins, Saint, Católica and Apostólica. One to look at intent and criterioso to read History since the first Christians (At 11,26) until the fall of Rome in the Ocidente in 476 and the fall of Constantinopla in 1453.

Keywords: Kingdom of God. Salvífico event. Old Church. Medieval Church.

* Professor José Ulisses Leva é Doutor em História Eclesiástica pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. É Padre da Arquidiocese de São Paulo. Leciona na PUC de São Paulo. Exerce seu Ministério Presbiteral na Capela do Colégio Sion. E-mail: juleva@pucsp.br

INTRODUÇÃO

O Artigo *Nos Fatos da História o Evento Salvífico – XV Séculos de Igreja* quer ser uma proposta para o estudo da História da Igreja e um itinerário de leitura para compreendê-la em quinze séculos de sua História. Um olhar atento e criterioso de ler a História desde os primeiros cristãos até a queda de Roma no Ocidente em 476 e a queda de Constantinopla em 1453. Tornar-se-ia impossível escrever 15 séculos da História da Igreja em apenas 15 páginas. Eusébio de Cesareia legou 10 Livros da História Eclesiástica para os primeiros séculos da Igreja. No século XIX os alemães compilaram uma série documental chamada Monumenta Germaniae Historia. No século XX os franceses publicaram os *Annales de História Econômica e Social*. Portanto, foram elencados fatos que marcaram a presença da Igreja durante os Períodos Antigo e Medieval.

À Igreja primeva vivendo no Império Romano e dentro dele ganhando concessões pelos Imperadores podemos sugerir algumas indagações. O Império se engendrou no coração da Igreja? A Igreja assumiu o papel do Império? A Igreja primitiva assumiu sua estrutura e nomenclatura?

Tendo por mandado de Jesus Cristo Ir e Evangelizar todos os povos (Mt 28,19-20) surgem outros questionamentos. Podemos dizer que somente as vias romanas e a Hierarquia fizeram a Igreja se fortalecer dentro do Império? Como religião do Estado todos que se faziam batizar, de fato, eram cristãos conscientes? Deveria a Igreja evangelizar o Estado ou apenas ser a religião do Estado? A Igreja que nasceu do querer de Jesus Cristo para anunciar as maravilhas do Reino de Deus tem a missão de proclamar sempre o Evangelho (2 Tim 4,2) assegurado como um tesouro em vaso de barro (2 Cor 4,7). Ela procurou manter sempre vivo o anúncio querigmático à luz da mistagogia. Os Apóstolos não vacilaram ao afirmar Jesus Cristo como Senhor (Mc 8, 29) e não titubearam em segui-lo sempre e em qualquer circunstância (Jo 6, 66-69). Jesus Cristo concedeu a sua Igreja sua presença real na Eucaristia (Mt 26,26-29), a Unidade em Pedro (Jo 21,15) e o carinho materno e permanente de sua Mãe (Jo 19, 27).

A queda do Império Romano no Ocidente em 476 marcou oficialmente o início do Período Medieval? Esse e outros acontecimentos marcaram a vida da Igreja no período mais extenso da História. Período longo e pautado por inúmeras situações, diríamos, embaraçosas, adversas e contraditórias

para a Igreja. A Igreja fez alianças com os Francos e Germânicos. Essas alianças ofuscaram a dinamicidade do Evangelho? De fato, as alianças são necessárias? Seria possível a Igreja anunciar Jesus Cristo sem estar vinculada a qualquer estreitamento de laços com os Governos?

Sendo assim, o itinerário proposto é mostrar a importância vital do Evento Salvífico ocorrido dentro da História e iluminar nossos olhos durante os 15 séculos decorridos com a presença da Igreja e sua missão de propor sempre Jesus Cristo e seu Evangelho.

1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Desde o momento que iniciei os estudos de Teologia os professores afirmavam a necessidade de se ter presente a Palavra Revelada, o Magistério da Igreja e a Tradição Apostólica. Isso indicava vivamente compreender a presença de Deus agindo na História. Ouvia os mesmos professores sobre a importância da oralidade tanto para o povo de Israel quanto aos seguidores de Jesus Cristo, assim chamados cristãos. *Tendo-o encontrado, levou-o a Antioquia. Passaram um ano inteiro trabalhando juntos naquela Igreja, e instruíram uma numerosa multidão. Em Antioquia, os discípulos foram, pela primeira vez, chamados com o nome de cristãos* (At 11, 26). Quanto à redação dos textos bíblicos neotestamentários deveria ser respeitada pelos hagiógrafos a *Ipsissima Vox Christi*. Portanto, não se podia acrescentar nem retirar absolutamente nada da mensagem do Redentor. O Magistério assegurava a veracidade da passagem entre a oralidade e a Escrita. E, assim, na História se mantinha viva e eficaz a mensagem de Cristo Jesus na Sagrada Escritura. *Eu vos escrevo estas coisas, a vós que credes no nome do Filho de Deus, para que saibais que tendes a vida eterna* (1Jo 5,13). O Evangelista São João nos afirma que os Livros Sagrados seriam insuficientes em páginas, tamanha a quantidade dos relatos: *Teria muitas coisas para vos escrever, mas preferi não fazê-lo com papel e tinta. Espero que possa ir até vós e falar-vos de viva voz. Assim nossa alegria será completa* (2Jo 1,12). Mantêm-se viva a que chamamos Tradição Apostólica. Não encontramos nas Escrituras, mas se afirma ser tradição dos apóstolos *O ensinamento dos Santos Padres testemunha a presença vivificante dessa Tradição, cujas riquezas se transfundem na praxe e na vida da Igreja crente e orante. Pela mesma tradição torna-se conhecido à Igreja o Cânon completo*

*dos livros Sagrados e as próprias Sagradas Escrituras são nela cada vez mais profundamente compreendidas e se fazem sem cessar atuantes [...].*¹

Compreender cada vez mais a importância dos estudos teológicos e debruçar sobre os textos para uma leitura atenta, segura e crítica no sentido de entender o que se anuncia para proclamar correta e coerentemente a mensagem salutar presente nas Sagradas Escrituras, Fonte permanente da ação de Deus em nós. A Exegese ajuda a todos a compreender melhor a Palavra Revelada e situá-la concretamente no tempo e no espaço e entender os termos, palavras e decodificá-la na praticidade. *Eles eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações* (At 2,42).

Concluindo a Graduação em Teologia e encaminhado pelos professores para dar continuidade nas pesquisas dirigi-me à História da Igreja como referencial de ulteriores estudos. Apaixonado por Jesus Cristo quis servir a Igreja conhecendo melhor a sua História bimilenar. Como estudar a Igreja? Qual a episteme da História? Quais outros saberes são necessários para aprofundar no conhecimento da História? Onde situar a Igreja? A Igreja na História ou História da Igreja? *Entre as vocações suscitadas na Igreja pelo Espírito, distingue-se a do teólogo, que em modo particular tem a função de adquirir, em comunhão com o Magistério, uma compreensão sempre mais profunda da Palavra de Deus contida na Escritura inspirada e transmitida pela Tradição viva da Igreja.*²

Para iniciar o estudo da Igreja é fundamental conhecer a Historiografia da História *Para se compreender satisfatoriamente a História como ela se configura, é preciso se recapitular sua origem e sua evolução. Somente a História da História pode nos fazer compreender como hoje ela se apresenta.*³ Como a dinamicidade humana referenciou os acontecimentos e os fatos? Como o Homem buscou conhecer os fatos dos seus antepassados? Como atribuir veracidade dos fatos encontrados? Nasce daí o desejo de pesquisar os acontecimentos. Desejo esse que marcou os primórdios da História. História é pesquisar as Fontes no tempo e no espaço. Para tanto

¹ Compêndio do Vaticano II. Dei Verbum, p. 173.

² Instrução sobre a vocação eclesial do Teólogo, p. 7.

³ BORGES, Vavy Pacheco. O que é História? p. 9-10.

é preciso ter critérios para assegurar que as Fontes encontradas sejam seguras e verdadeiras.

Aos principiantes indico as primeiras noções de História e sua Historiografia com uma Bibliografia que seja capaz de nutrir gosto e prazer de se enredar pelos acontecimentos da Humanidade. Fatos esses que podem gerar o interesse por qualquer momento histórico. Nesse desenvolver da História apresento Jesus Cristo, a Igreja e o Cristianismo. Assim como a Exegese auxilia como Método para entender a Palavra Revelada o Método Histórico Crítico auxilia a História *É na Alemanha que surge a preocupação de transformar a História em uma Ciência [...]. Os historiadores alemães querem que a História se torne uma Ciência o mais segura possível, como as Ciências exatas. Pretendem um grau de exatidão científica semelhante à elaboração de método de trabalho análogo e efetivo, que estabelecesse leis e verdades de alcance universal.*⁴ Associando a Vocação do Teólogo e o estudo da História sempre lembro: *A tarefa própria à teologia de compreender o sentido da revelação exige, portanto, o uso de aquisições filosóficas que forneçam 'um sólido e harmônico conhecimento do homem, do mundo e de Deus', e possam ser assumidas na reflexão sobre a doutrina revelada. As ciências históricas são igualmente necessárias aos estudos do teólogo, antes de mais nada pelo caráter histórico da própria revelação, que nos foi comunicada em uma 'história de salvação'. Deve-se enfim recorrer, também, às 'ciências humanas', para melhor compreender a verdade revelada sobre o homem e sobre as normas morais do seu agir, colocando em relação com ela os resultados válidos destas ciências.*⁵

Portanto, associando a História como Ciência e o papel do Teólogo com serviço à Igreja têm-se início um eficaz trabalho no campo das pesquisas. À luz da Palavra Revelada e à luz das Fontes Históricas buscamos cada vez mais o conhecimento e o amor a Jesus Cristo e a sua Igreja na História.

A História da Igreja se une à História da Salvação. Portanto é fundamental falar do Povo da Aliança, do Patriarca Abraão e da Lei Mosaica. *O amantíssimo Deus, buscando e preparando solícitamente a salvação de todo o gênero humano, por singular disposição escolheu para Si um povo ao qual confiariam as promessas. Contraída a aliança com Abraão (Gn*

⁴ BORGES, Vavy Pacheco. O que é História? p. 33.

⁵ Instrução sobre a vocação eclesial do Teólogo, p.10.

15,18) e através de Moisés com o povo de Israel (Êx 24,8), revelou-se ao seu povo eleito por palavras e ações como o único Deus verdadeiro e vivo, de tal forma que Israel pode conhecer por experiência quais os caminhos de Deus para com os homens e, falando pela boca dos profetas cada vez mais profunda e claramente os compreendeu e os difundiu entre os povos (Sl 21,28-29; 95,1-3; Is 2,1-4; Jer 3,17) [...].⁶ É importantíssimo instruir os neófitos nos estudos teológicos que não se pode desassociar a Revelação de Deus ao povo judeu e a Proclamação de Jesus Cristo como Palavra Encarnada na História para nos salvar. A economia do Antigo Testamento estava ordenada principalmente para preparar a vinda de Cristo, redentor de todos, e de seu Reino Messiânico [...]. Os livros do Antigo Testamento em conformidade com a condição do gênero humano dos tempos anteriores à salvação realizada por Cristo [...] Deus, pois, inspirador e autor dos livros de ambos os Testamentos, de tal modo dispôs sabiamente que o Novo estivesse latente no Antigo e o Antigo se tornasse claro no Novo [...].⁷ Jesus Cristo se encarnou na Plenitude dos tempos e anunciou e instaurou o Reino de Deus. Usou de Parábolas para proclamar as maravilhas do Reino e instituiu a Igreja em Pedro. Por isso, eu te digo: tu és Pedro, e sobre esta pedra construirei a minha Igreja, e as forças da morte não poderão vencê-la (Mt 16,18) para que o rebanho não perecesse após sua subida aos céus. Escolheu quem Ele quis. Jesus subiu a montanha e chamou os que ele quis; e foram a ele. Ele constituiu então doze, para que ficassem com ele para que os enviasse a anunciar a Boa Nova (Mc 3,13-14) e nomeou Pedro para apascentar o rebanho: Depois de comerem, Jesus perguntou a Simão Pedro: Simão, filho de João, tu me amas mais do que estes? Pedro respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que sou teu amigo. Jesus lhe disse: Cuida dos meus cordeiros (Jo 21,15).

Em conformidade com Abraão, Moisés e os Profetas (Mt 17,1-9) Jesus não quis confusões nem falsas interpretações a seu respeito. Por isso indagou aos seus quem Ele era. Jesus foi à região de Cesareia de Filipe e ali perguntou aos discípulos: Quem é que as pessoas dizem ser o Filho do Homem? Eles responderam: Alguns dizem que és João Batista; outros, Elias; outros ainda, Jeremias ou algum dos profetas. E vós, retomou Jesus, quem dizeis que eu sou? Simão Pedro respondeu: Tu és o Messias,

⁶ Compêndio do Vaticano II. *Dei verbum*, p. 131-132.

⁷ Compêndio do Vaticano II. *Dei Verbum*, p. 132-133.

o Cristo, o Filho do Deus vivo. (Mt 16,13-15). Desfeitas as incompreensões e aplaudindo a resposta de Pedro se assegurou que sua verdade seria mantida coerentemente se os Apóstolos se mantivessem bem preparados e unidos entre si e com Pedro.

O Novo Testamento nos apresenta dois evangelistas que nos relatam historicamente a presença e o Ministério de Jesus Cristo. São Mateus remonta a Abraão e nos mostra a Genealogia *Lista dos antepassados de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão [...] Jacó gerou José, o esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, que é chamado o Cristo. No total, pois, as gerações de Abraão até Davi são quatorze; de Davi até o exílio na Babilônia, quatorze; e do exílio na Babilônia até o Cristo, quatorze* (Mt 1,1-17) para apontar Jesus Cristo. São Lucas contextualiza a geografia do Império Romano indicando o nascimento de Jesus Cristo. *Naqueles dias, saiu um decreto do Imperador Augusto mandando fazer o recenseamento de toda a terra – o primeiro recenseamento, feito quando Quirino era governador na Síria. Todos iam registrar-se, cada um na sua cidade. Também José, que era da família e descendência de Davi, subiu da cidade de Nazaré, na Galileia, à cidade de Davi, chamada Belém, na Judeia, para registra-se com Maria, sua esposa que estava grávida. Quando chegou ali, chegou o tempo do parto* (Lc 2, 1-6). Recursos diversos para dizer da historicidade do Salvador.

Assim como os gregos procuravam relatar objetivamente sua História *Heródoto, de acordo coma orientação empreendida por Hecateu de Mileto, se propõe a fazer investigações, a procurar a verdade*⁸ os cristãos na Igreja Primitiva também relataram fatos marcantes do cristianismo para que ele se mantivesse vivo. *O Cristianismo é uma religião eminentemente histórica, pois não prega uma cosmovisão atemporal, mas sim uma concepção que aceita um tempo linear, que se ordena em função de uma intervenção divina real na História.*⁹ *A influência do cristianismo é tão grande em nossa civilização que toda a cronologia de nosso passado é feita em termos do seu acontecimento central, a vinda do Filho de Deus a terra.*¹⁰ Heródoto, historiador grego e pai da História São os próprios gregos que descobrem a importância específica da explicação histórica. *Heródoto é considerado o pai da História, pois é o primeiro a empregar a palavra no sentido de*

⁸ BORGES, Vavy Pacheco. O que é História? p. 19.

⁹ BORGES, Vavy Pacheco. O que é História? p 23.

¹⁰ BORGES, Vavy Pacheco. O que é História? p. 22.

investigação, pesquisa,¹¹ e Eusébio de Cesareia, historiador cristão e pai da História Eclesiástica Aquele que ficou conhecido como 'pai da história eclesiástica' nasceu entre os anos de 260-265, provavelmente em Cesareia, na Palestina¹² delinearam as bases da História. Ela se desenvolveu e no Século XIX se nos foi apresentada como Ciência Na Europa, as primeiras Universidades datam do século XIII, mas é somente no século XIX que o conhecimento histórico passa a ter uma presença específica em seus currículos. Daí em diante, o conhecimento histórico passa a ser produzido, sobretudo, no âmbito das Universidades.¹³

O Historiador ao apresentar a Igreja e sua bimilenar História não se esquiva em ser científico, ao mesmo tempo apresentando Jesus Cristo dentro do Evento Salvífico. Os discípulos de Jesus Cristo procuraram sempre apresentá-lo como Cabeça da Igreja. *Portanto, ninguém ponha a sua glória em ser humano algum. Sim, tudo vos pertence: Paulo, Apolo, Cefas, o mundo, a vida, a morte, o presente, o futuro, tudo é vosso, mas vós sois de Cristo e Cristo é de Deus* (1Cor 3,21-23). Afirmaram categoricamente que a Igreja não é de quem quer que seja senão de Deus. *Quando um declara: Eu sou de Paulo e outro: Eu sou de Apolo, não estais apenas no nível humano. Pois, que é Apolo? Que é Paulo? Não passam de servos pelos quais chegastes à fé [...] Pois nós somos cooperadores de Deus, e vós, lavoura de Deus, construção de Deus* (1Cor 3,4-9). O Concílio de Jerusalém apresentou duas Eclesiologias *Então, os apóstolos e os anciãos reuniram-se para tratar desse assunto* (At 15,6). Pedro sugere a necessidade da circuncisão aos não judeus e Paulo evoca que o Evangelho fosse apresentado aos gentios sem a necessidade dessa prática. O Concílio mostrou a pluralidade de pensamento, mas venceu o amor a Cristo Jesus e a Unicidade da Igreja. *Pois decidimos, o Espírito Santo e nós, não vos impor nenhum fardo, além destas coisas indispensáveis: abster-se de carnes sacrificadas aos ídolos, das carnes de animais sufocados e das uniões ilícitas. Fareis bem se evitardes essas coisas. Saudações* (At 15,28-29).

A Fonte segura para falar da Igreja é a Palavra Revelada *Por isso, a pregação apostólica, que é expressa de modo especial nos livros inspirados, devia conservar-se por uma sucessão contínua até a consumação dos*

¹¹ BORGES, Vavy Pacheco. O que é História? p. 19.

¹² EUSÉBIO DE CESAREIA. História Eclesiástica, p.9.

¹³ BORGES, Vavy Pacheco. O que é História? p.38.

tempos. Por isto os Apóstolos, transmitindo aquilo que eles próprios receberam, exortam os fiéis a manter as tradições que aprenderam seja oralmente, seja por carta.¹⁴ Os Livros Sagrados foram compilados e aceitos canonicamente por volta do ano 150 quando Pio I (143-155) era o papa reinante. No século XVIII o sacerdote italiano Ludovico Antonio Muratori descobre uma cópia do original de um manuscrito do século VIII. Em meados do século II, Marcião foi o primeiro a efetuar uma escolha, do ponto de vista de seu antijudaísmo. Chegou assim a um cânon de escritos paulinos, incluindo o evangelho de Lucas. Em sua apologia contra os escritos gnósticos, Irineu de Lião tentou fundamentar alegoricamente 'o Evangelho quadriforme' (Ad haer. III, 11, 11). De fato, por volta do ano 200, os quatro evangelhos já eram definitivamente reconhecidos. O chamado "Cânon Muratori", da mesma época, enumera os escritos do Novo Testamento, já contém praticamente a lista que por volta do ano 400 chegou, no Ocidente, a sua fixação definitiva. Os critérios para a composição do Cânon foram: se esses escritos datavam da origem do cristianismo, se eram utilizados nas comunidades, se eram universalmente reconhecidos.¹⁵ Nos relatos bíblicos vemos as comunidades paulinas ser formadas e a gênese dos ministérios: Vós todos sois o corpo de Cristo e, individualmente, sois membros desse corpo. Assim, na Igreja, Deus estabeleceu primeiro, os apóstolos; segundo, os profetas; terceiro, os que ensinam; depois, dons diversos: milagre, cura, beneficência, administração, diversidade de línguas (1Cor 12,27-28). No final do primeiro século a estrutura eclesíástica já nos era apresentada por Santo Inácio de Antioquia Sigam todos ao bispo, como Jesus Cristo ao Pai; sigam ao presbítero como aos apóstolos. Acatem os diáconos, com à lei de Deus. Ninguém faça sem o bispo coisa alguma que diga respeito à Igreja. Por legítima seja tida tão somente a eucaristia, feita sob a presidência do bispo ou por delegado seu. Onde quer que se apresente o bispo, ali também esteja a comunidade, assim como a presença de Cristo Jesus também nos assegura a presença da Igreja católica. Sem o bispo, não é permitido nem batizar nem celebrar o ágape. Tudo, porém, o que ele aprovar será também agradável a Deus, para que tudo quanto se fizer seja seguro e legítimo¹⁶ conformando os Ministérios Ordenados e a Igreja Hierárquica. No século III o Papa Cornélio (251-253) enumera os Ministérios dentro da Igreja Não sabia, por acaso,

¹⁴ Compêndio do Vaticano II. *Dei Verbum*, p. 126.

¹⁵ LENZENWEGER, J. et alli. História da Igreja Católica, p. 29.

¹⁶ Cartas de Santo Inácio de Antioquia. Carta aos Ermirnenses, p. 81.

tal defensor do Evangelho que numa comunidade católica deve haver um só bispo? Nela, ele não o ignora (e como poderia ignorar?), existem quarenta e seis presbíteros, sete diáconos, sete subdiáconos, quarenta e dois acólitos, cinquenta e dois exorcistas, leitores e porteiros [...].¹⁷ Os Primeiros Concílios de Niceia em 325 e Constantinopla em 381 conceituaram a Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica.¹⁸

Depois de anos de Magistério na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção apresento esse itinerário de leitura em quinze séculos da Igreja sem imparcialidade nem julgamento; sem ufanismo nem negativismo; buscando a linha tênue entre o Canônico e o Apócrifo e entre a Verdade e a Heresia. Lembro sempre que não podemos dialogar eficazmente com outras epistemologias quando não conhecemos plenamente nossa própria episteme.

2. O EVENTO SALVÍFICO E A IGREJA

2.1. Deus e a redenção do gênero humano

O Evento Salvífico aconteceu na História. Num determinado momento o querer de Deus se manifestou e o seu desejo de salvar-nos plenamente se realizou. O Pai enviou seu Filho por obra do Espírito Santo. Os homens e as mulheres amaram a Deus e, ao mesmo tempo, que intuíram por obra do Espírito Santo, compreenderam e relataram Deus na História através dos Livros Sagrados. À luz da Palavra Revelada a História foi envolvida do amor de Deus. A força dessa Palavra perder-se-ia ao longo do tempo se não estivesse permeada de Deus. O que sempre marcou a História se caracterizou com a Obra da Criação *Estabeleço convosco a minha aliança: não acontecerá novamente que toda a carne seja exterminada pelas águas do dilúvio. Não haverá mais dilúvio para devastar a terra* (Gn 9,11) e a Redenção do Gênero Humano.

Deus é maravilhoso quanto a Obra da Criação, mas esta gemia de dor. Jesus Cristo, no Espírito Santo, resgatou-nos por Amor. Na plenitude dos tempos *Quando se completou o tempo previsto, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sujeito à Lei, para regatar os que eram sujeitos*

¹⁷ EUSÉBIO DE CESAREIA, p. 336.

¹⁸ DENZINGER - Hunermann. Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral, p. 1326-1337.

à Lei, e todos recebermos a dignidade de filhos (Gal 4,4-5) Jesus Cristo se encarnou para nos salvar. Desde sempre Divino igualou-se a nós na Humanidade. Em tudo semelhante a nós, menos no pecado, salvou-nos da morte assegurando-nos a Vida. Essa passagem Bíblica indica o tempo de Deus agindo no tempo humano. A Plenitude e o tempo. O Eterno presente de Deus presenteando-nos com seu Amor.

Jesus Cristo disse que o Reino de Deus está próximo *Depois que João foi preso, Jesus veio para a Galileia, proclamando a Boa Nova de Deus: Completou-se o tempo, e o Reino de Deus está próximo. Converti-vos e crede na Boa Nova* (Mc 1,14-15) e está também no nosso meio. Jesus dizia-lhes: *O Reino de Deus é como quando alguém lança a semente na terra. Quer ele esteja dormindo ou acordado, de dia ou de noite, a semente cresce, sem que ele saiba como* (Mc 4,26-27). Uma vez mais Deus se mostra Misericordioso e age no nosso tempo anunciando o seu Reino e nele nos inclui. O Reino é a Boa Nova manifestada de maneira saborosa de se ouvir e convidativa de ser anunciada. Jesus Cristo nos interpela buscando respostas ao comparar o Reino de Deus usando Parábolas *Ele dizia-lhes: A vós é confiado o mistério do Reino de Deus. Para aqueles que estão fora tudo é apresentado em parábolas, de modo que, por mais que olhem, não enxergam, por mais que escutem, não entendam, e não se convertem, nem são perdoados* (Mc 4,11-12). *Jesus lhes ensinava a palavra usando muitas parábolas como estas, de acordo com o que podiam compreender. Nada lhes falava sem usar parábolas. Mas, quando estava a sós com os discípulos, lhes explicava tudo* (Mc 4,33-34).

Devemos entender a Igreja na História à luz de Jesus Cristo. Ele a quis e a edificou. A Igreja nasce do querer de Deus e nós a entendemos quando a vemos dentro da Palavra Revelada. A Igreja terá sempre o papel fundamental de anunciar as maravilhas da Boa Nova. Inserida no mundo não deve ser confundida com as esferas desse mundo, mas propor com entusiasmo a verdade em Jesus Cristo ao mundo.

A Igreja nasce na pluralidade de culturas apresentando apenas o Evangelho de Cristo Jesus *Como já dissemos e agora repito: se alguém vos pregar um evangelho diferente daquele que recebestes, seja excluído [...] Irmãos, asseguro-vos que o evangelho pregado por mim não é de natureza humana, pois não o recebi nem aprendi de uma instância humana, mas por revelação de Jesus Cristo* (Gal 1,9.11-12). O relato de Pentecostes

nos Atos dos Apóstolos *Quando chegou o dia de Pentecostes, os discípulos estavam todos reunidos no mesmo lugar (At 2,1) fala na diversidade de povos Residiam em Jerusalém judeus devotos, de todas as nações que há debaixo do céu (At 2,5). Todos entendiam a mensagem Salvífica na sua própria língua Nós, que somos partos, medos e elamitas, habitantes da Mesopotâmia, da Judeia e da Capadócia, do Ponto e da Ásia, da Frígia e da Panfília, do Egito e da parte da Líbia próxima de Cirene, e os romanos aqui residentes, judeus e prosélitos, cretenses e árabes, todos nós os escutamos anunciando as maravilhas de Deus em nossa própria língua (At 2,9-11). Aí reside a Universalidade da Boa Nova. Porém, não devemos desviar o olhar. Assim como muitos aderiam a Fé no Ressuscitado, outros quantos mantinham acesas suas convicções religiosas. O Verbo de Deus se fez carne dentro da cultura judaica e se mostrou Salvador para toda a Humanidade. São Lucas nos relata que Jesus Cristo nasceu sob o Império Romano, anunciou o Reino no meio de nós e morreu sob Pôncio Pilatos na cosmopolita Jerusalém. Desde sempre a Igreja acostumou-se a viver nas diferentes culturas e suas múltiplas possibilidades. Em meio às adversidades ela sempre anunciou Jesus Cristo e a beleza do Seu Evangelho. A Igreja nasce simultaneamente Santa pelo querer de Jesus Cristo e Una no desejo misericordioso do Divino Mestre, para que o mundo acreditasse: *Eu não rogo somente por eles, mas também por aqueles que vão crer em mim pela palavra deles. Que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim, e eu em ti. Que eles estejam em nós, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste (Jo 17, 20-21).**

Passagens bíblicas mostram interpretações pessoais em relação à Igreja a ponto do Apóstolo Paulo dizer que somos de Jesus Cristo. Chamou atenção ao particularismo e as tendências personalistas. *Refiro-me ao fato de que entre vós se usa esta linguagem: Eu sou discípulo de Paulo; eu, de Apolo; eu, de Cefas; eu, de Cristo (1Cor 1,12).* Porém, sabemos que Jesus Cristo quis a Igreja Una e que permanecesse unida para anunciar o Evangelho a todas as gentes.

3. A IGREJA E O PERÍODO ANTIGO DA HISTÓRIA

3.1. Império Romano, o Reino de Deus e a Igreja

Iniciamos o Período Antigo da História dizendo que Jesus Cristo se fez carne como judeu sob o Império Romano que expandia seus territórios e exercia seu poder e hegemonia aos grupos étnicos a ele submetidos. *O fundador do cristianismo é Jesus de Nazaré [...] pequena cidade judia perdida no seio do imenso Império Romano. Jesus, portanto, nasceu judeu, sujeito a Augusto [...]. Quando Jesus nasceu, o mundo romano estava em paz [...]. O povo constituído de camponeses-soldados [...] o panteão romano, que o Olimpo grego havia reforçado e renovado, mantinha apenas o prestígio das fábulas brilhantes [...] mundo de tanta diversidade [...] sincretismo helenístico, o pequeno povo judeu.*¹⁹ Deus estabeleceu um diálogo amoroso com a humanidade *O anjo responde: “O Espírito Santo descerá sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer será chamado santo, Filho de Deus”* (Lc 1,35) quando no Espírito Santo o Pai enviou o Filho Jesus Cristo para salvá-la *O anjo, então, disse: Não tenhas medo, Maria! Encontraste graça diante de Deus. Conceberás e darás à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus* (Lc 1,30-31). A salvação em Jesus Cristo nos é assegurada aqui e agora tendo em vista a Jerusalém Celeste *A Igreja de Deus que tem sua residência transitória [...]. A era primitiva insiste no caráter transitório da existência terrena. Da mesma sorte, as comunidades cristãs se consideram desinstaladas, peregrinantes. Assim se explica o termo grego paroikia, que deu origem à ‘paróquia’: a comunidade que anda em busca da situação definitiva no céu.*²⁰

Depois que João foi preso, Jesus veio para a Galileia, proclamando a Boa Nova de Deus: Completou-se o tempo, e o Reino de Deus está próximo. Converti-vos e crede na Boa Nova (Mc 1,14-15). Jesus Cristo anunciou o Reino de Deus e constituiu os Doze Apóstolos *Jesus subiu a montanha e chamou os que ele quis; e foram a ele. Ele constituiu então doze, para que ficassem com ele e para que os enviasse a anunciar a Boa Nova, com o poder de expulsar os demônios. Eram: Simão (a quem deu o nome de Pedro); Tiago, O filho de Zebedeu, e João, seu irmão (aos quais deu o nome de Boanerges, que quer dizer ‘filhos do trovão’), e ainda André, Filipe,*

¹⁹ PIERRARD, P. História da Igreja, p.13-14.

²⁰ Carta de São Clemente Romano aos Coríntios, p. 19.

Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago filho de Alfeu, Tadeu, Simão, o cananeu, e Judas Iscariotes, aquele que o traiu (Mc 3,13-19) conclamando Pedro que apascentasse o rebanho Jesus lhe disse: 'Sê pastor das minhas ovelhas'(Jo 21,16) quando edificou sua Igreja Por isso, eu te digo: tu és Pedro, e sobre esta pedra construirei a minha Igreja, e as forças da morte não poderão vencê-la (Mt 16,18). Para Pedro e seus sucessores, Cristo Jesus garantiu a chave de leitura do Evangelho quando a ele confere as chaves do Reino dos Céus Eu te darei as chaves do Reino dos Céus (Mt 16,19). Portanto, tudo com Pedro em Cristo Jesus; nada em Pedro sem Jesus Cristo.

Na Ascensão aos Céus Jesus Cristo enviou sua Igreja que anunciasse ao mundo seu Evangelho *Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações, e batizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-lhes a observar tudo o que vos tenho ordenado. Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos (Mt 28,19-20) e em Pentecostes os Apóstolos sentiram-se vivamente entusiasmados a proclamar a Boa Nova.*

Os Apóstolos receberam a mensagem de Jesus Cristo e se propuseram anunciá-la ao mundo. A geografia era o limite do Império Romano. A Igreja assumiu o papel do Império? O Império se engendrou no coração da Igreja? A Igreja primitiva assumiu sua estrutura e nomenclatura? Podemos dizer que a Igreja se serviu das vias romanas e seguindo sua missão evangelizadora centrou suas forças no anúncio corajoso. Não faltaram ciladas, perseguições e mortes, mas o entusiasmo dos primeiros cristãos pelo Ressuscitado superou o medo e o comodismo.

Os homens e mulheres que viviam nos tempos da Igreja primitiva ao se converterem vivam sob as regras e princípios do seu tempo. Quantos que aderiam a Jesus Cristo permaneceram solícitos à Palavra, outros se voltaram ao culto ao Imperador, outros às filosofias e outros mais as várias expressões religiosas de época. Afirmamos que os cristãos das primeiras horas da Igreja foram hábeis e souberam manter vivo o tesouro que receberam no anúncio do Evangelho utilizando os meios de comunicação que estavam a disposição. Portanto, as vias facilitaram a chegada da mensagem às várias cidades e até mesmo possibilitou apresentar Deus nas praças onde cultuavam o deus desconhecido *Paulo, em pé no meio do Areópago, disse: Homens de Atenas, em tudo vos vejo muitíssimo religiosos. Percorrendo a cidade e considerando os monumentos do vosso culto, encontrei também*

um altar com esta inscrição: A um Deus desconhecido. O que adorais sem o conhecer, eu vo-lo anuncio (At 17,22-23).

As perseguições realizadas entre os governos dos imperadores Nero em 64 e Diocleciano em 313 não foram as únicas causas para o derramamento de sangue de muitos cristãos. Muitos foram mortos por causa do Evangelho nos espetáculos dos circos romanos. Muitas dores e sofrimentos aconteciam dentro da Igreja, quando Bispos e Padres ensinavam doutrinas diversas confundindo as mentes e envenenando o coração dos cristãos. Muitas Here-sias²¹ são provenientes nos primeiros tempos e se alastraram pelos séculos. Além da canonicidade dos textos Sagrados vários documentos nasceram no interior da Igreja para orientar aqueles que aderiam ao Evangelho de Cristo Jesus. Lembramos a Didaqué que compõe excelente catequese alimentada no conhecimento dos sacramentos e sustentada na moral, nos costumes e nos valores cristãos em oposição aos vividos no contexto do Império. A Carta à Diogneto apresenta a contribuição laical e sua busca de santidade no mundo.²² Na sociedade plural as Cartas de Santo Inácio de Antioquia relatam a necessidade do corpo eclesial hierárquico para manutenção da centralidade da Palavra Revelada. Fundamentado na Palavra de Deus Santo Inácio de Antioquia estruturou a Igreja para que se manifestasse Visível e Unida. Buscou nas Fontes Bíblicas seu caráter Hierárquico para que melhor se apresentasse aos homens e mulheres de todos os tempos. Por fim a Carta de São Clemente Romano aos Coríntios²³ notabiliza o conceito do Primado Petrino que vai se formando ao longo da História na missão do Apóstolo Pedro de apascentar o rebanho para que não se dispersasse.

A Ecclesiologia nos primeiros séculos foi sempre permeada na pluralidade das perseguições e heresias que se sucederam. Enquanto o caos reinava no interior do Império por ocasião das invasões bárbaras e dos saques a Roma a Igreja se fortalecia e posicionava-se como vanguarda. Os Editos de Milão de Constantino em 313 e Tessalônica de Teodósio em 380 deram ânimo para que a Igreja desenvolvesse ainda mais a missão de evangelizar. Podemos dizer que somente as vias romanas e a Hierarquia fizeram a Igreja se fortalecer dentro do Império? A estrutura do Império Romano facilitou muito o intercâmbio entre as comunidades e a Hierarquia se mostrou

²¹ FRANGIOTTI, R. História das Heresias.

²² LEVA, J. U. A Contribuição do Laicato para a santificação do mundo.

²³ LEVA, J. U. Reiterando o Ministério Presbiteral.

eficiente na sua organização, mas a força da Igreja sempre esteve centrada na mensagem do Ressuscitado.

A Igreja cada vez mais presente no Império se organizava e nas cidades encontrava-se plenamente sistematizada. O Bispo e seus Presbíteros fazia crescer numericamente aqueles que conheciam e aderiam a Jesus Cristo. Simultaneamente ao crescimento de cristãos, pululavam as heresias. Essas se não combatidas dividiriam a Igreja de Jesus Cristo. Nos Concílios de Niceia e Constantinopla vemos a Doutrina se formular de maneira brilhante. Seus Artigos de Fé apresentaram a Trindade Santa e a missão atribuída a cada Pessoa. Para manter a integridade da mensagem o conceito formulado da Igreja manifestado nas quatro notas: Una, Santa, Católica e Apostólica.

4. A IGREJA E O PERÍODO MEDIEVAL DA HISTÓRIA

4.1. O fim do Império Romano e a sociedade plural

Qual foi o acontecimento que marcou o início do Período Medieval? Devemos começar pela Queda do Império Romano no Ocidente em 476? Alguns historiadores lembram o ano de 529 com o fim da Escola de Atenas e a fixação das Regras de São Bento em Monte Cassino e, ainda o período governado pelo Papa Gregório I (540-604): *Cônsul de Deus – é assim que o autor desconhecido do epitáfio de Gregório I o cognomina. Em uma Roma esvaziada não apenas de sua glória, mas também de sua alma, Gregório e seus sucessores se substituem ao império derrocado: tornam-se os pedagogos do jovem ocidente. Começa a surgir a Igreja Medieval [...].*²⁴ Todas as datas são possíveis. São necessários vários fatos para marcar um período novo e todos esses acontecimentos são verdadeiros.

De qualquer maneira a Igreja dentro da História vivia tempos de crescimento numérico, sobretudo, a partir dos Editos de Milão (313) e Tessalônica (380) que possibilitou a liberdade de culto e posteriormente a fez religião do Estado. A saída das Catacumbas mudou o paradigma das conversões e a manutenção para com o comprometimento eclesial. Como religião do Estado todos que se faziam batizar, de fato, era cristãos conscientes? Deveria a Igreja evangelizar o Estado ou apenas ser a religião do Estado?

²⁴ PIERRARD, P. História da Igreja, p.55.

As mudanças de um período a outro se fez sentir quando as fronteiras do Império se viram ameaçadas pelas invasões bárbaras. As tribos germânicas invadiram e chegaram a Roma. *De 410, saque de Roma por Alarico, a 476, tomada de Roma por Odoacro, o império romano do Ocidente agoniza.*²⁵

Das tribos germânicas que entraram no império os Francos marcaram profundamente suas relações com a Igreja. Desde os Merovíngios *Em meados do século VI, no Ocidente, o eixo de influência transferiu-se da Itália (Roma, Milão, Ravena) para as margens do Sena e Mosa. A Dinastia dos merovíngios, herdeiros de Clóvis (511-571), converte-se na principal força política [...]*²⁶ e a conversão de Clóvis em 496 e seu batismo em 498, influenciado por sua esposa Clotilde, e os Carolíngios (751-817) de Carlos Martelo que vence os Árabes em 732 nos Pirineus e torna-se rei em 751, Pepino *Patrício dos Romanos* em 754 ajudou o Papa Estevão II (752-757) a libertar os romanos dos longobardos, e a coroação de Carlos Magno em 800 pelo papa Leão III e em 817 sua antecipada sucessão em favor de seus filhos, tanto a sociedade quanto a Igreja viram nascer uma Europa Cristã. *[...] No século IX, essa empresa formidável talvez tenha representado a salvação de um Ocidente destinado às trevas: de toda maneira, na época não se concebia a instauração de uma civilização que não fosse cristã. [...] A terra cristã cobriu-se de mosteiros, focos de cultura. E isso porque o mais belo título de glória de Carlos Magno é aquilo que se chamou, não sem exagero, a Renascença Carolíngia.*²⁷

Tanto Constantino e Teodósio no Século IV quanto os francos nos Séculos VI - IX formalizaram concessões a Igreja que pode assim se expandir por toda a Europa. Essas alianças ofuscaram a dinamicidade do Evangelho? De fato, as alianças são necessárias? Seria possível a Igreja anunciar Jesus Cristo sem estar vinculada a qualquer estreitamento de laços com Impérios e Governos?

O Período Medieval seguia seu curso e a Igreja assumia sua postura como portadora da mensagem de Jesus Cristo. No coração da Igreja e da sociedade europeia que se transformavam nascia São Bento. Com ele surgiu no Ocidente à vida monástica. Vocação maturada primeiro como anacoreta e

²⁵ PIERRARD, P. História da Igreja, p. 51.

²⁶ PIERRARD, P. História da Igreja, p. 55.

²⁷ PIERRARD, P. História da Igreja, p. 71.

posteriormente como cenobítico. Do encontro pessoal com Deus no Subiaco à vitalidade em comunidade em Monte Cassino. Foi Abade no cenóbio e pai espiritual e formativo de toda a Europa. Desde os primeiros mosteiros inúmeros monges foram enviados para evangelizar a Igreja. Vida nascida no claustro e regulada no silêncio, na oração e na leitura e posteriormente enviada a fomentar o conhecimento em Jesus Cristo. A importância na fundação de novos mosteiros e formação de burgos para o renascimento das cidades que desde a queda do império romano havia se esvaziado. As cidades nasciam agora do silêncio e do conhecimento dos monges que dedicavam sua vida na ordem destarte ao caos de outrora. *Um grande senhor de idade avançada, Guilherme, o Pio, duque de Aquitânia, cansado das alegrias desse mundo, possuía uma rica vila em Cluny, em 909, faz doação dela [...] entre 927 e 1109, permitiram a Cluny alimentar uma poderosa corrente de reforma monástica e cristã. As características próprias são: aumento do número de monges-padres; donde a nova importância dada à celebração da missa; a supressão quase total do trabalho manual em favor do Ofício Divino cantado solenemente em imensas Igrejas.*²⁸ Outros quantos monges reformadores como Romualdo (Camaldolenses), Bruno (Cartuxos), Roberto (Cistercienses), Norberto (Premonstratenses) e Bernardo e os monges brancos, buscaram sempre as fontes monástica para mantê-la sempre viva ao longo dos séculos. Bernardo, fundador de Clairvaux, respondendo as heresias da época dizia da importância da manutenção da Unidade a criar uma Igreja pura sem a Igreja.

Com tanta vivacidade dentro da Igreja não faltaram inúmeras dificuldades. As lutas que a Igreja enfrentava com as Investiduras e a Concordata de Worms em 1122 [...] em 23 de setembro de 1122, chegou-se a um consenso. E a assim denominada Concordata de Worms foi firmada. Com isso findava a questão das Investiduras. [...] A Investidura das regalias seria efetivada através da entrega do cetro. Anel e báculo voltavam a ser símbolos do poder episcopal, ou seja, do poder espiritual,²⁹ as práticas nicolaítas³⁰ Nesta ocasião, surgiu também a heresia dita dos nicolaítas, que durou pouco

²⁸ PIERRARD, P. História da Igreja, p. 81-82.

²⁹ FISCHER WOLLPERT, R. Léxico dos Papas, p. 242-243.

³⁰ FRANGIOTTI, R. História das Heresias. Na Idade Média, dava-se o apelativo de nicolaíta àqueles que se opunham e hostilizavam o celibato eclesiástico, p. 14.

*tempo e igualmente é mencionada no Apocalipse de João (Ap 2, 6.15)³¹ e a simonia Simão viu que o Espírito era comunicado pela imposição das mãos dos Apóstolos. Ofereceu-lhe dinheiro [...] (At 8, 18-20) Mas, a fé em nosso Salvador e Senhor Jesus Cristo já se difundira entre todos os homens; então, o inimigo da salvação dos homens procurou antecipadamente prevalecer na cidade imperial. Levou para lá o supracitado Simão, e por meio dos artifícios mágicos deste colaborador arrastou ao erro muitos dos habitantes de Roma.³² O Papa Gregório VII e O silêncio que recebe como resposta estimula-o, no Concílio de Roma, em 1074, a acabar com as duas manchas no clero: a simonia e o nicolaísmo.³³ O Nepotismo era uma prática recorrente³⁴ Vários papas da Idade Medieval macularam o seu pontificado com a grave pecha do nepotismo. Cuidaram mais dos interesses da própria família, seus 'sobrinhos', do que no múnus papal. [...] Usaram os bens do Estado Pontifício em benefício próprio ou os deram de presente a familiares seus. [...] Em 1692 Inocêncio XII proibiu o nepotismo definitivamente. As Cruzadas (1095-1291) e as guerras travadas contra a religião de Maomé, iniciada em 622, na recuperação dos lugares santos. Os desentendimentos entre Ocidente e Oriente aumentava com o passar dos tempos. Nem mesmo os Concílios realizados amenizavam disputas e dissabores. Desde o primeiro Concílio realizado no Ocidente ocorrido na Basílica de Latrão em 1123 até o último Concílio da Idade Medieval Basileia-Ferrara-Florença em 1431-1449 muitos assuntos foram tratados, especialmente o conciliarismo Um concílio fora de série, esse concílio 'ecumênico' de Constança (16 de novembro de 1414 – 22 de abril de 1418)! Convocado por um príncipe leigo, tinha por objetivo impor ao papado o fim de um cisma escandaloso³⁵ a Inquisição Romana Quando a Heresia dos cátaros, na primeira metade do Século XIII, passou a dominar o sul da França e o norte da Itália, surgiu a Inquisição Romana. O terceiro Concílio Ecumênico de Latrão (1179) pronunciou o anátema sobre os hereges,³⁶ e o Sacramento da Eucaristia afirmado no Concílio IV de Latrão em 1215 contra a negação da presença real de Cristo defendida por Berengário de Tours *Leão IX viajava muito, afirmando**

³¹ EUSÉBIO DE CESAREIA. História Eclesiástica, p. 153.

³² EUSÉBIO DE CESAREIA. História Eclesiástica, p. 88.

³³ PIERRARD, P. História da Igreja, p. 84.

³⁴ FISCHER WOLLPERT, R. Léxico dos Papas, p. 318.

³⁵ PIERRARD, P. História da Igreja, p. 151.

³⁶ FISCHER WOLLPERT, R. Léxico dos Papas, p. 290-292.

por toda parte o poder supremo de Roma em questões espirituais, reunindo diversos sínodos, pedindo contas aos dignitários eclesiásticos simoníacos e fornicadores, condenando as doutrinas antieucasristicas de Berengário de Tours (1050) [...].³⁷

As Ordens Mendicantes nasceram sob o olhar da pobreza com São Francisco de Assis e do conhecimento com São Domingos de Gusmão. Para além das inquietações e contestações dos albigenses, valdenses, hussitas e cátaros as Ordens do Século XIII, sobretudo os franciscanos, dominicanos, carmelitas e mercedários buscavam reformar a Igreja por dentro. As mazelas e as lutas de poder sempre existiram. Quantos homens e mulheres, além de São Bento e Santa Escolástica, São Domingos, São Francisco e Santa Clara buscaram respostas, e as encontraram em períodos caóticos. A solidão e o silêncio dos mosteiros, dos conventos ou mesmo entre o frenesi dos transeuntes nas cidades medievais não devem ser entendidos como fuga ou negação do mundo, ao contrário, significa buscar em Deus à luz do século as respostas acertadas para o seu tempo. As armas da Igreja não devem ser a negação da vida ou a parcialidade do anúncio do Evangelho de Jesus Cristo. A Igreja deve sempre dialogar apresentando a totalidade da mensagem salvadora e redentora de Cristo Jesus.

Assim como nos mosteiros nasceram santos, papas e bispos para a edificação da Igreja; dos conventos surgiram lentes para a santificação em Cristo. O pensamento da Igreja ganhou um novo olhar com Santo Tomás de Aquino. O Tomismo [...] *já os pregadores estavam mais preocupados em evitar um corte radical entre o corpo de sabedoria profana e o depósito da fé cristã*³⁸ não invalidou o pensamento de Santo Agostinho de Hipona [...] *ao lado do tomismo, o agostinismo é uma das formas originais da filosofia cristã [...] Agostinho se esforçava por mostrar aos pagãos na Cidade de Deus, que o cristianismo podia vivificar um mundo novo.*³⁹ A Igreja foi enriquecida quando buscou entender a Fé à luz da Razão. *Alexandre de Hales era um frade menor, Alberto Magno e Tomás de Aquino eram pregadores. Bem cedo as duas ordens mendicantes encontraram no meio universitário, jovem e efervescente, as melhores condições de florescimento [...].*⁴⁰

³⁷ PIERRARD. P. História da Igreja, p. 83.

³⁸ PIERRARD. P. História da Igreja, p. 130.

³⁹ PIERRARD. P. História da Igreja, p. 48.

⁴⁰ PIERRARD. P. História da Igreja, p. 129.

A Igreja que estava fracionada desde o Concílio de Calcedônia ocorrido em 451 por correntes que não se estendiam em torno da Trindade, da Cristologia e da Pneumatologia e rompida desde 1054 com Constantinopla por divergências seculares se deparou no Século XIV não somente com o Cativo de Avinhão (Papa Clemente V (1305-1314) em 1309 até o Papa Gregório XI (1370-1378) em 1377, mas diante de um Cisma no Ocidente O sucessor de Gregório XI [...] Urbano VI depois de uma movimentada eleição em 08 de abril de 1378 [...] organizava-se um partido francês [...] elegeu Clemente VII.⁴¹ Período difícil e conturbado, mas docilmente suscetível aos clamores dos céus com Santa Catarina de Sena e Santa Brígida da Suécia que clamavam o fim do Cisma e o retorno do papado à Roma *Mas o cardeal Otão Colonna que, em 11 de novembro de 1417, depois de trinta e nove anos de Cisma e em meio à alegria nacional, torna-se papa Martinho V (1417-1431)[...] Retornou triunfalmente a Roma, em 29 de setembro de 1420 [...] A autoridade papal, de fato, havia triunfado [...] Martinho V morreu em 20 de fevereiro de 1431*⁴² garantindo a Unicidade da Igreja sob o Pastoreio do Senhor em Pedro.

Com o término do Conciliarismo, o retorno do Papa à Roma e o fortalecimento do papado no Ocidente e o fim do Império Romano no Oriente com a queda de Constantinopla em 1453 põe fim ao Período Medieval e o surgimento do Período Moderno da História e também da Igreja.

CONCLUSÃO

A História nos faz pesquisar o passado para nos posicionar no presente como algo dinâmico e salutar. A Ciência Histórica maturou ao longo dos séculos sua episteme e nos legou ver os acontecimentos de forma criteriosa e sem julgamento. Cabe ao historiador elencar os fatos e apresentá-los de maneira ordenada e concatenada. Dividir a História em Períodos sempre será parcial quando queremos abranger todos os povos. Tive como referencial o marco histórico do nascimento de Jesus Cristo e o desenrolar dos acontecimentos desde a Palestina, passando pelo Império Romano e a formação cultural-religiosa da Europa Ocidental.

⁴¹ PIERRARD. P. História da Igreja, p. 148.

⁴² PIERRARD. P. História da Igreja, p. 152.

A Igreja querida e instituída por Jesus Cristo lançou suas bases nas grandes cidades pertencentes ao Império Romano. Os pilares no Oriente centravam suas forças em Jerusalém, Antioquia, Alexandria e Constantinopla. Roma foi a sustentação da Pentarquia no Ocidente e a partir dela o Primado Petrino, que a Igreja desenvolveu ao longo de sua História.

Através da História e outros saberes, tais como: Cronologia, Epigrafia, Sigilografia, Diplomática, Onomástica, Genealogia, Filologia, Arqueologia, Numismática, Heráldica, Escultura, Pintura, etc., a Igreja conheceu seus passos fincados nos séculos. Desde o Cânon Muratori e os Documentos encontrados os historiadores deixaram muitíssimas páginas da História da Igreja. Mediante os documentos apercebemos e analisamos que tanto mais a Igreja se fazia presente nas comunidades tanto mais dinamizava o entusiasmo para com o Ressuscitado. Ao contrário, as comunidades enraizadas no mundo, sem a presença do Bispo e do Presbítero, ou mesmo pela formação mediocres desses que estavam a frente, voltavam às superstições e se afastavam da mensagem de Jesus Cristo.

Desde muito cedo os grandes homens da Igreja começaram a preparar os futuros presbíteros em conformidade aos Sínodos e aos Concílios Ecumênicos. Eusébio de Vercelli iniciou a comunidade de clérigos, com orações em comum e o Estudo da Sagrada Escritura. Agostinho de Hipona e o ideal ascético e a vida comum foi modelo para os cabidos medievais. Bento apresentou a comunidade dos monges, nutrida pela tradição monacal e pela sobriedade romana, com a Escola do Serviço ao Senhor.

Inúmeras vezes povoamos nossas mentes com fantasias e imprecisões. Pensamos e idealizamos a Igreja Primitiva formada apenas por mártires e bons cristãos e a Igreja Medieval vivida na completa escuridão e devassidão. No entanto, no Período Antigo tivemos muitos santos e mártires, tanto quanto hereges; o Período Medieval foi permeado tanto de nepotismo e de simoníacos quanto de santidade e o cultivo do saber, como o surgimento das Universidades, instrumento de Cultura e Fé da civilização Ocidental.

Assim como a História se apresenta linear a Igreja ao longo dos séculos foi compreendendo sua missão no mundo. O desenvolvimento interno não deve significar distanciamento da Palavra Revelada. A Igreja no mundo deve

anunciar Jesus Cristo sem cair em ciladas ou adequar-se aos interesses mundanos. Jesus Cristo advertiu a mãe dos filhos de Zebedeu quanto aos privilégios (Mt 20,20-23); admoestou os perigos de servir a dois senhores (Mt 22,20) e o apego demasiado ao dinheiro (Mt 6,24). Sem julgamentos ou anacronismo sejamos autênticos discípulos e missionários de Jesus Cristo.

BIBLIOGRAFIA

- ALBERIGO, G. (Org.). História dos Concílios Ecumênicos. São Paulo: Paulus, 2011.
- A CARTA A DIOGNETO. Introdução e Notas Dom Fernando Figueiredo. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BORGES, Vavy Pacheco. O que é História? 11ª ed. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- CARTA DE SÃO CLEMENTE ROMANO AOS CORINTIOS. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1984.
- CARTAS DE SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA. Introdução do Original grego e nota Dom Pulo Evaristo Arns, OFM. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1970.
- COMPÊNDIO DO VATICANO II: Constituições, Decretos, Declarações. Coordenação Geral: Frei Frederico Vier, OFM. 18ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- DENZINGUER, H. HUNERMANN, P. Compêndio dos Símbolos, Definições e Declarações de Fé e Moral. São Paulo: Paulinas - Loyola, 2007.
- DIDAQUÉ. Catecismo dos Primeiros Cristãos. Introdução e Notas Frei Urbano Ziles. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- EUSÉBIO DE CESAREIA. História Eclesiástica. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- FISCHER WOLLPERT, R. Léxico dos Papas – De Pedro a João Paulo II. (Trad. Antonio Estevão Allgayer). Petrópolis: Vozes, 1991.
- FRANGIOTTI, R. A História das Heresias (Séculos I-VII). Conflitos ideológicos dentro do Cristianismo. 4ª ed. São Paulo: Paulus, 2004.
- LE GOFF, J. O Deus da Idade Média. Conversas com Jean-Luc Pouthier. (Trad. Marcos de Castro). Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2007.
- LENZENWEGER, J (*et alii*) História da Igreja Católica. (Trad. Fredericus Stein). São Paulo: Edições Loyola,, 2006.
- LEVA, J.U. A contribuição do laicato para a santificação do mundo. Revista Eletrônica–Espaço Teológico, v. 5, p. 08-14, 2011.
- _____. Reiterando o Ministério Presbiteral. Revista Eletrônica-Espaço Teológico, v. 4, p. 14-19, 2010.

Nos fatos da história: o evento salvífico

PIERINI, F. A Idade Antiga. Curso de História da Igreja, I. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. A Idade Média. Curso de História da Igreja, II. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2006.

PIERRARD, P. História da Igreja. 7ª ed. São Paulo: Paulus, 2010.

WOODS JR, T.E. Como a Igreja Católica construiu a civilização ocidental. (Trad. Élcio Carillo). 3ª ed. São Paulo: Quadrante, 2010.